

PSICANÁLISE E UNIVERSIDADE: A EXPERIÊNCIA DO ESTÁGIO EM PSICOLOGIA CLÍNICA COM ORIENTAÇÃO PSICANALÍTICA

PSYCHOANALYSIS AND UNIVERSITY: THE TRAINEESHIP EXPERIENCE IN CLINICAL PSYCHOLOGY WITH UNDER PSYCHOANALYTIC ORIENTATION

José Antonio Pereira da Silva¹, Maria Thereza Ávila Dantas Coelho², Suely Aires Pontes³

Autor para correspondência: José Antonio Pereira da Silva - jpereirasilva04@gmail.com

¹Psicólogo clínico e psicanalista. Mestrando em Estudos Interdisciplinares sobre a Universidade na Universidade Federal da Bahia. Professor da Faculdade da Cidade do Salvador. Salvador, Bahia, Brasil - <http://orcid.org/0000-0002-4702-3643>

²Doutora em Saúde Coletiva. Professora na Universidade Federal da Bahia. Salvador, Bahia, Brasil

³Doutora em Filosofia. Professora na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Santo Antonio de Jesus, Bahia, Brasil.

RESUMO | Este estudo tem como objetivos: analisar o conteúdo da produção de literatura sobre a prática de estágio supervisionado em psicologia clínica, com orientação psicanalítica, e refletir sobre a formação do psicólogo, suas dificuldades e desafios. Trata-se de uma revisão de literatura sistemática, através da qual se realizou o levantamento de artigos nacionais e estrangeiros para mapear a produção do conhecimento acerca da experiência de estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica. A pesquisa foi feita no SCIELO.ORG, BVS-PSI e Portal de Periódicos- CAPES/MEC, através das palavras-chave: estágio, psicologia clínica e psicanálise. Os artigos mostram que há uma tensão própria à relação da psicanálise com a universidade. Para que haja trabalho clínico, essa tensão não poderá ser tomada pelo estagiário no registro da impotência, mas do impossível que precisamente convoca ao trabalho, destacando-se que é preciso se perguntar qual é a clínica possível, a partir da psicanálise, no contexto universitário. Os pesquisadores demonstram que o estágio supervisionado em clínica-escola pode se constituir como um espaço formador e transformador para o estudante de psicologia e seu posicionamento ético ante a diversidade. Verifica-se que essa experiência não é sem consequência para pacientes, estagiários e supervisores. Recorrendo a noções cruciais da psicanálise, os autores mostram como, na formação do psicólogo clínico de orientação psicanalítica, trata-se, sobretudo, de suportar e assentir com as posições éticas às quais o estágio convoca.

Palavras-chave: Estágio clínico; Psicologia Clínica; Psicanálise.

ABSTRACT | This study aims to: analyze the content of the literature production on the traineeship of supervised practice in clinical psychology, under psychoanalytical orientation, and reflect on the training of psychologists, their difficulties and challenges. It is a systematic literature review, through which the authors searched national and foreign articles to map the production of knowledge about the experience in training in clinical psychology with a psychoanalytical orientation. The research was done in SCIELO.ORG, BVS-PSI and Periodicals-CAPES Portal / MEC, through the keywords: training, clinical psychology and psychoanalysis. The articles show that there is an inherent tension in the relationship between psychoanalysis and university. In order to exist clinical work, this tension should not be considered by the trainee in the register of an impotence, but as the impossible that calls to work, highlighting that it is necessary to ask what is the possible clinical from the psychoanalysis in the university context. The researchers show that the supervised training in clinical school can be constituted as a formative and transforming space for the student of psychology and his ethical position towards diversity. It is found that this experience is not without consequence for patients, trainees and supervisors. Using key concepts of psychoanalysis, the authors show how, in the formation process of clinical psychologist who is under psychoanalytic influence, the training is, above all, support and assent to the ethical positions involved in the training process.

Keywords: Clinical Clerkship; Psychology, Clinical; Psychoanalysis.

INTRODUÇÃO

A prática clínica é uma das modalidades de estágio supervisionado, obrigatório, oferecida aos estudantes de psicologia na graduação para a obtenção do título de psicólogo. A constituição de clínicas-escolas passou a ser um requisito exigido pelo Ministério da Educação para o funcionamento dos cursos de psicologia, após a regulamentação da profissão de psicólogo em 1962, pela lei 4.119. (Conselho Federal de Psicologia [CFP], 2001; Reis Filho, Firmino, 2007).

Tradicionalmente, esses espaços abrigam consultórios para atendimento psicológico nas mais variadas modalidades (psicoterapia individual e de grupo, com crianças, adolescentes e adultos; psicoterapia de casal e família; psicodiagnóstico; aplicação de testes, entre outras atividades). Os alunos aí estagiam em geral nos últimos semestres do curso, quando já adquiriram uma maior bagagem teórica. O modelo é o clínico, com atendimento individual, e gira em torno dos possíveis conflitos psíquicos enfrentados pela população que demanda atendimento na clínica-escola. (Reis Filho & Firmino, 2007).

Uma das modalidades de estágio clínico supervisionado em psicologia é a prática de atendimento clínico com orientação psicanalítica. Entretanto, sabemos que há diferenças entre a prática da psicologia clínica com orientação psicanalítica na universidade e a práxis psicanalítica realizada por psicanalistas que fizeram sua formação nas instituições psicanalíticas. Nessas instituições, para um psicanalista iniciar a prática clínica, recomenda-se uma formação na teoria e na técnica neste campo, exigindo análise pessoal, estudo e supervisão de casos clínicos com articulações teóricas. É importante lembrar que, para Freud (1980b), a psicanálise, quando não executada por alguém efetivamente habilitado, pode se tornar uma ferramenta “antiterapêutica”.

Sabendo-se que a prática clínica traz em seu bojo algumas questões e conflitos pessoais do praticante e a identificação e análise dessas questões são decisivas na condução de um caso clínico, este estudo tem como objetivos: (1) analisar o conteúdo da produção de literatura sobre a prática de estágio

supervisionado em psicologia clínica, com orientação psicanalítica e (2) refletir sobre a formação desse psicólogo, suas dificuldades e desafios. Para tanto, recorreremos a algumas noções cruciais da clínica psicanalítica, de modo a destacar que, na formação do psicólogo clínico de orientação psicanalítica, se trata, sobretudo, de suportar e assentir com a posição ética, teórica e técnica da psicanálise.

MÉTODO

Trata-se de uma revisão de literatura sistemática, entendida como uma investigação que disponibiliza um resumo das evidências relacionadas a uma estratégia de intervenção específica, mediante a aplicação de métodos explícitos e sistematizados de busca, apreciação crítica e síntese da informação selecionada. (Sampaio & Mancini, 2007) Realizou-se o levantamento de artigos nacionais e estrangeiros para mapear a produção do conhecimento científico acerca da experiência do estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica, através das bases de dados Scientific Electronic Library Online (SCIELO.ORG); Biblioteca Virtual em Saúde – Psicologia (BVS-PSI) e Portal de Periódicos da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior do Ministério de Educação e Cultura (Portal de Periódicos-CAPES/MEC).

Através dos descritores ‘estágio’, ‘psicologia clínica’ e ‘psicanálise’, assim como ‘traineeship’, ‘clinical psychology’ and ‘psychoanalysis’, realizou-se nas três bases supracitadas a busca e seleção ampla dos prováveis trabalhos de interesse da revisão de literatura. Utilizou-se como critérios de seleção e inclusão os trabalhos publicados nos últimos dez anos; os títulos e os resumos dos artigos, que abordavam a experiência no estágio supervisionado em psicologia clínica com orientação psicanalítica; e a experiência do supervisor do estágio em psicologia clínica com a orientação psicanalítica, que traz a discussão da relação da psicanálise com a universidade nas práticas desenvolvidas em clínica-escola.

Foram encontrados 98 artigos referentes à prática de estágio clínico com orientação psicanalítica, entretanto apenas 17 artigos foram considerados pertinentes. Foram excluídos 45 artigos por não abordarem o tema estudado nesta pesquisa, 19 por estarem repetidos em mais de uma base de dados; 16 por terem mais de 10 anos de publicado e um artigo que, apesar de ser do período estabelecido, não está disponível on-line. Os artigos selecionados foram analisados e agrupados tomando-se primeiro a concepção dos estagiários sobre o tema nas suas pesquisas e, em seguida, as reflexões e contribuições dos professores supervisores nas suas pesquisas sobre a experiência no estágio supervisionado com orientação psicanalítica. Buscou-se sintetizar as informações adequadamente, apontando as evidências que validam as intervenções práticas e elaborações teóricas. Tendo como norte uma avaliação crítica do conhecimento produzido, destacou-se as concordâncias e discordâncias, as controvérsias e os temas ou sub-temas que ainda carecem de investigação.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

a prática de estágio de psicologia clínica e a pesquisa a partir do campo do saber da psicanálise é, segundo Mariotto e Bernardino (2012), levar a psicanálise para outras áreas de conhecimento, o que significa incluir a subjetividade no seu modo de raciocínio e compreensão do fenômeno humano. Para estes autores, manter o rigor conceitual e metodológico da psicanálise implica realizar uma atividade cujo objetivo seja a transformação do pesquisador, e/ou do pesquisado, e não apenas o acúmulo de saber.

Nesse sentido, nos artigos pesquisados, os estagiários relatam que os tempos - passado, presente e 'futuro -, que se encontram no discurso de seus pacientes, lhes atingem enquanto terapeutas, ora na sensação de identificação com parte do discurso dos pacientes, ora na sensação de que, ao narrá-lo, está também narrando-se e constituindo-se como terapeuta. (Silveira & Castro, 2011).

Essas autoras consideram que todo o caminho percorrido pelos labirintos da Clínica durante o atendimento do primeiro paciente faz pensar no tempo que se precisa para conseguir que os pacientes falem, e no tempo para se estabelecer uma relação de confiança; no tempo da resistência e no tempo da construção; no tempo de escutar e de ser escutado; no tempo passado que é olhado do presente e no tempo passado que se apresenta no presente. Seguindo sua argumentação, Silveira e Castro (2011) mostram que, após a estagiária ter reiniciado o seu processo terapêutico, foi visível a diferença produzida nos atendimentos, na medida em que, como terapeuta, ela conseguiu descolar as suas confusões pessoais dos processos dos pacientes. Nesse contexto, ficou mais fácil discernir o que era tema a ser trabalhado na supervisão e o que era tema a ser trabalhado nas sessões terapêuticas da estagiária, levando a estudante a constatar que a clínica se sustenta num tripé (supervisão, teoria e análise pessoal), como lhe disse sua supervisora.

A estagiária Rodrigues (2009), por sua vez, destaca que a prática da escuta clínica em psicologia de orientação psicanalítica é um grande desafio, que ancora numa terra de conhecidos e desconhecidos. Desse lugar emergem questionamentos e diálogos sobre o saber-fazer do estagiário e algumas perspectivas possíveis de saber que se produzem através de olhares, escutas e leituras da realidade de um serviço de saúde.

A literatura estudada mostra que o estagiário precisa dar-se conta de que, para assumir a posição de escuta na psicologia clínica com orientação psicanalítica, necessita suportar aquilo que Freud (1980a) denominou motor da análise – a transferência – assim como suportar o que vem implicado nela. Percebe-se que é preciso escutar o sujeito na sua singularidade. (Rodrigues, 2009). O estagiário precisa consentir com a concepção ética da psicanálise ao conduzir um caso clínico, lembrando que a psicanálise considera que o sujeito é capaz de se implicar nos seus próprios sintomas, o que possibilita ao analista encontrar-se com aquilo que há de novo em cada caso. (Mariotto & Bernardino, 2012).

Entretanto, as pesquisas realizadas pelos professores supervisores indicam que há uma tensão própria

da relação da psicanálise com a universidade, cujos efeitos mais agudos se pronunciam na prática dos estágios no curso de psicologia, a partir do momento em que a chegada dos estudantes para a prática clínica de orientação psicanalítica ocorre sem que estes estejam realizando, muitas vezes, um percurso de análise pessoal. Assim, não é na posição de analisante que esses alunos chegam na clínica, mas na posição de estudante. (Pinheiro & Darriba, 2010; Darriba, 2011; Coelho, 2013; Aires, 2013). Gallo-Belluzzo et al. (2011, 2013) afirmam que o campo psicológico vivencial do estudante de psicologia organiza-se pela crença de que o valor do atendimento clínico consiste fundamentalmente na realização pessoal do aluno, o benefício alcançado pelo paciente seria mero efeito colateral. Para esses autores, o aluno de Psicologia não está devidamente preparado para a tarefa de realizar um atendimento clínico, expressando produções imaginativas como ansiedade, medo e postura onipotente. A escolha da profissão de “psicólogo” é realizada por pessoas que passaram por vivências de padecimento e que, ao superá-las, decidiram ajudar indivíduos em sofrimento. Para esses pesquisadores, o campo de vivências do estagiário articula-se a partir da crença de que o psicólogo teria poderes para curar todos os pacientes; crença que necessariamente falha.

Alguns estudos observam, a partir de uma reflexão crítica sobre a conclusão do estágio curricular, que há um trabalho a ser feito neste momento, mas um trabalho que deve partir da evidência da castração. Para que haja trabalho, isso não poderá ser tomado pelo estagiário no registro da impotência, mas do impossível que precisamente convoca ao trabalho, destacando-se que é preciso se perguntar qual é a clínica possível, a partir da psicanálise, no contexto universitário. (Darriba, 2011; Pinheiro & Darriba, 2010, 2011).

Coelho (2013) considera que um dos principais efeitos da relação entre a psicanálise e a universidade parece ser a contribuição que ambas têm proporcionado ao desenvolvimento de pensamentos que florescem nessas instituições, através da leitura e do diálogo. A ênfase na interdisciplinaridade, por exemplo, cria um campo fértil para a ampliação desse diálogo interinstitucional. Entretanto, ressalta a autora, não podemos deixar de estar atentos

aos possíveis equívocos que possam advir dessas relações, no tocante a interpretações distorcidas sobre o pensamento psicanalítico, a universidade, a formação analítica e sua praxis. É nesse sentido que, segundo Aires (2013), a subsistência do campo aberto por Freud depende de cada analista, em sua tarefa de reinvenção e transmissão da psicanálise, em qualquer espaço em que se encontre, seja na universidade ou fora dela.

No espaço da universidade, o estágio supervisionado em clínica-escola pode vir a se constituir como um espaço formador e transformador para o estudante de psicologia e seu posicionamento ético ante a diversidade. Santeiro (2011), por exemplo, propõe que a atividade de formação de psicólogos clínicos considere, entre diversas estratégias pedagógicas disponíveis, o uso de filmes como ilustrativos de aspectos de teorias e práticas psicológicas. Esse uso se atrela às condições de trabalho do professor, que transitam entre as econômicas, as institucionais e as pessoais. Estas três condições se complementam e são interdependentes umas em relação às outras e, inclusive, podem caracterizar o docente como facilitador ou inibidor da criatividade de seus estudantes na sala de aula.

Sob diversas óticas, verifica-se que a experiência de estágio clínico não é sem consequência para pacientes, estagiários e supervisores. (Mariotto & Bernardino, 2012; Villela, 2008; Foladori, 2009).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A partir dos artigos pesquisados, foi possível examinar a importância da investigação da experiência do estágio supervisionado em psicologia clínica de orientação psicanalítica. Constata-se que essa experiência representa, na concepção dos estagiários, um crescimento junto com seu paciente, o que o ajuda a tornar-se terapeuta. Apesar disso, as primeiras angústias tomam a forma de questões, as quais, ao serem levadas, juntamente com as confusões e os tropeços para supervisão, são clareadas.

Os pesquisadores demonstram que a relação entre

universidade e psicanálise, na clínica, não se dá sem impasses e conflitos teóricos e práticos. Para que haja trabalho clínico na universidade, torna-se essencial perguntar, a professores supervisores e estudantes, qual é a clínica possível, a partir da psicanálise, no contexto universitário.

Os estudos revelam que o aluno de Psicologia não está devidamente preparado para a tarefa da psicologia clínica, mas nos apontam que essa formação pode ser aperfeiçoada, se levar em consideração um princípio fundamental para a formação do analista, o de que a clínica se sustenta num tripé: supervisão, teoria e análise pessoal.

Acrescentamos a esse debate a necessidade de se levar em consideração a diferença entre a ética que orienta a prática do psicólogo, que é a ética do bem-estar, e a ética da psicanálise, que aponta para a ética do bem-dizer. Esse tema deve ser trabalhado em outra reflexão e não se esgota aqui.

CONFLITOS DE INTERESSES

Nenhum conflito financeiro, legal ou político envolvendo terceiros (governo, empresas e fundações privadas, etc.) foi declarado para nenhum aspecto do trabalho submetido (incluindo mas não limitando-se a subvenções e financiamentos, conselho consultivo, desenho de estudo, preparação de manuscrito, análise estatística, etc).

REFERÊNCIAS

- Aires, S. (2013). Imagens do analista na universidade. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 5(1), 30-38
- Coelho, M.T.A.D. (2013). Psicanálise e universidade. *Trivium - Estudos Interdisciplinares*, 5(1), 21-29
- Conselho Federal de Psicologia (2001). *Quem é o psicólogo brasileiro?* Pesquisa de Opinião WHO. Recuperado de http://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2005/05/Pesquisa_WHO.pdf
- Darriba, V.A. (2011). O lugar do saber na psicanálise e na universidade e seus efeitos na experiência do estágio nas clínicas-escola. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica*, 14(2), 293-306. doi: 10.1590/S1516-14982011000200009
- Foladori, H. (2009). Temores iniciais de los estudiantes de psicología ante el inicio de la práctica de la psicología clínica. *Terap. Psicol.*, 27(2), 161-168. doi: 10.4067/S0718-48082009000200002
- Freud, S. (1980a). *A dinâmica da transferência* (v. 12, pp.133-148). In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas. Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1912)
- Freud, S. (1980b). *Psicanálise silvestre*. In: Edição standard brasileira das obras psicológicas completas (vol. 11, pp. 206-213). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1910)
- Gallo-Belluzzo, S.R. (2011). *O Imaginário e estudantes de psicologia sobre o primeiro atendimento clínico: um estudo psicanalítico* (Tese de Doutorado). Pontifícia Universidade Católica de Campinas. Recuperado de <http://serefazerp.sc.br/o-imaginario-de-estudantes-de-psicologia-sobre-o-primeiro-atendimento-clinico-um-estudo-psicanalitico>
- Gallo-Belluzzo, S.R., Corbett, E., Aiello-Vaisberg, T.M.J. (2013). The first experience of clinical practice on psychology students' imaginary. *Paidéia*. 23(56), 389-396. doi: 10.1590/1982-43272356201313
- Guerra, A.M.C., Moreira, J.O.(2007). *Aprendizes da clínica: novos sujeitos dos fazeres psi*. In: Reis Filho JT, Franco VC (orgs.). *Aprendizes da Clínica: novos saberes psi* (pp. 13-35). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Mariotto, R.M.M., Bernardino, L.M.F. (2012). Detecção, prevenção e tratamento de riscos psíquicos precoces: desfecho de um programa acadêmico. *Psicol. Argum.*, 30(71), 711-717
- Melgaço, P.A. (2010). Clínica na Saúde Mental: o Caso Clínico e a Construção de Redes. *Rev. Eletrônica CliniCAPS*. 4(11), 1-9
- Pinheiro, N.N.B., Darriba, V.A. (2010). A clínica psicanalítica na universidade: reflexões a partir do trabalho de supervisão. *Psicologia Clínica*, 22(2), 45-55. doi: 10.1590/S0103-56652010000200004
- Pinheiro, N.N.B., Darriba, V.A (2011). Elementos para interrogar uma clínica possível a partir da psicanálise na Universidade. *Inter. em Psicol*, 15 (especial), 99-103. doi: 10.5380/psi.v15i0.25382
- Reis Filho, J.T., Firmino, S.P.M. (2007). *Clínica-escola: desafios para a formação do psicólogo*. In: J. T. dos Reis Filho e, V. C. Franco (orgs.). *Aprendizes da Clínica: novos saberes psi* (p.49-61). São Paulo: Casa do Psicólogo
- Rodrigues L. (2009). Composições: experimentações do ser-estagiário(a) em uma clínica escola. *Aletheia*, 29, 217-228
- Sampaio, R.F., Mancini, M.C. (2007). Estudos de Revisão

Sistemática: um guia para a síntese criteriosa da evidência científica. *Rev. Brasileira de Fisiot.*, 11(1), 83-89

Santeiro, T.V. (2011). Um curta-metragem, diversas histórias na formação de psicólogos clínicos: o caso "Pular". *Revista da SPAGESP*, 12(2), 56-67

Silveira, M., Castro, R.C. (2011). Aventuras de Alice no país da clínica. *Barbarói*, 35, 91-108

Villela, E.M.B. (2008). A formação ética do psicólogo a partir da prática clínica com deficientes visuais. *Mudanças*, 16(2), 91-99. doi: 10.15603/2176-1019/mud.v16n2p91-99